

MICHELLE PRAZERES CUNHA

TECNOLOGIA, VELOCIDADE E JORNALISMO

**TENSÕES E POSSIBILIDADES DA PRODUÇÃO DE
REPORTAGEM EM AMBIENTES DIGITAIS**

Projeto apresentado ao CIP – Centro Interdisciplinar de Pesquisa da Faculdade Cásper Líbero para área de concentração “Comunicação na Contemporaneidade” e linha de pesquisa “Processos Midiáticos: Tecnologia e Mercado”.

**FACULDADE CÁSPER LÍBERO
SÃO PAULO
2017**

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO	3
1.1 REFERENCIAL TEÓRICO	5
1.1.1. A VELOCIDADE COMO UM VALOR	10
2. OBJETIVO	12
2.1. OBJETIVOS ESPECÍFICOS	10
3. JUSTIFICATIVA	13
4. METODOLOGIA	14
5. CRONOGRAMA	15
6. REFERÊNCIAS BIBLOGRÁFICAS	16

1. INTRODUÇÃO

A cibercultura reconfigura os processos jornalísticos, mexendo nas suas estruturas e incidindo na produção, na distribuição e na recepção de seus produtos. Ainda que a prática jornalística siga sendo fundamentalmente a de apurar e contar histórias, a cibercultura - leia-se: os aparatos e ambientes digitais, os conteúdos, o *modus operandi*, os modos de percepção, as estruturas institucionais e o ambiente simbólico ciberculturais - indexam o campo jornalístico, seus agentes e instituições e agregam às práticas jornalísticas novas potências.

Valores da cultura ciber como a colaboração, a ação em rede, a experimentação, o engajamento, a inovação, a inclusão, a interatividade, a conectividade, a mobilidade, a visibilidade, a flexibilidade e a hibridização são alguns dos que podem se converter em sentidos práticos para o jornalismo, quando realizado em ambientes digitais.

Vale observar que não se trata de fazer coro ao discurso de que as tecnologias *revolucionam* o jornalismo; senão de uma tentativa de estabelecer um olhar para as tecnologias a partir de uma perspectiva generosa, não determinista e não dispostivista, que mire as suas potencialidades. Trata-se de uma *perspectiva relacional*, que busca problematizar as interações entre jornalismo e tecnologias, evitando determinismos e que se pretende crítica com ambos, sobretudo, entendendo o jornalismo em seus processos e produtos; e as tecnologias em seu aspecto *total* (e totalizante. Ou seja, mirando a sua dimensão cultural e não apenas a instrumental).

Partindo deste ponto de vista, o objetivo desta pesquisa é de **promover uma análise reflexiva sobre os ambientes digitais como ecossistemas favoráveis à produção de reportagens jornalísticas**. A investigação central busca testar (para possivelmente confrontar) o senso comum de que (1) nos ambientes digitais se consomem apenas *brevidades*; e (2) não existe espaço para jornalismo de profundidade e reflexivo nos meios e plataformas estabelecidos *online*.

Geralmente, estas afirmações são acompanhadas de análises de engajamento – com visão majoritariamente mercadológica – que apontam que as pessoas consomem cada vez mais notícias por meio das redes sociais e a partir de dispositivos móveis. Estas seriam tendências que, em longo prazo, apontariam para o fim (1) dos modelos de

negócio “tradicionais” de jornalismo; (2) dos meios impressos; e até (3) de reportagens de fôlego, por serem consideradas de “difícil leitura” por parte de um público cada vez mais interessado em conteúdos fragmentados (SANTAELLA, 2007).

Ainda que discursos apocalípticos preconizem o fim de alguns meios de comunicação, em condição de cibercultura e convergência, velhas e novas mídias (bem como suas dinâmicas de produção e conteúdos) **coexistem** (JENKINS, 2008). Os processos e produtos relacionados a práticas jornalísticas em ambientes digitais apenas desfrutam de **potências** de que aqueles relacionados a outros meios e outras plataformas não necessariamente desfrutam.

Nesse sentido, a pesquisa busca compreender os modelos de negócio, de produção de conteúdo e formatos de integração com as redes sociais e engajamento de um veículo digital: o Nexo Jornal¹.

A intenção é compreender se este canal faz uso de potências das tecnologias e dos ambientes digitais para produzir e distribuir conteúdo; engajar públicos e monitorar os tráfegos de suas notícias. Além da reflexão a respeito da “sobrevida” da reportagem em meios digitais, outra hipótese a ser testada é a de que veículos como o Nexo produzem reportagens jornalísticas em outro *tempo*, resistindo à velocidade que parece ser uma lógica “natural” da cibercultura e que acelera ainda mais a lógica do “*hardnews*” já incorporada ao campo jornalístico.

Ao produzir informação atual e cotidiana em outro *timing*, este veículo se aproxima do segmento que vem sendo construído e identificado como *Slow Media*².

A contribuição deste segmento para o jornalismo diz respeito à crítica da velocidade e à afirmação de que existe espaço para um jornalismo reflexivo e de profundidade – e realizado em outro tempo – na cibercultura e nos ambientes digitais.

A crítica da velocidade (VIRILIO, 1996; TRIVINHO, 2007) é fundamental neste projeto, pois tal elemento se encontra no coração do consenso que afirma as mídias digitais como ambiente *natural* do que é célere, ágil e superficial ou efêmero (seja em contextos de produção, distribuição ou recepção de comunicação). Portanto,

¹ Publicação online, mantida por sistema de assinaturas, que se define como veículo de informação contextualizada: <https://www.nexojournal.com.br/>

² Mais em: <http://en.slow-media.net/manifesto>

compreender a velocidade como uma dimensão construída e legitimada por um consenso em torno da cibercultura é essencial para se contrapor ao que seria a sua suposta *naturalidade* nos tempos modernos. Mais do que isso, compreender sua dimensão simbólica e as engrenagens desta construção permite que desvelemos as tratativas para alçar o valor-velocidade à condição de valor positivo nos tempos atuais, associado ao avanço, ao progresso e à positividade e à qualidade.

Analisar uma publicação que pratica o jornalismo de imersão, com reportagens de qualidade e que consegue engajar o público em ambientes digitais em outro timing é um dos caminhos possíveis que vislumbramos para construir a crítica deste modo de pensar. Portanto, acredita-se que uma incursão pelo movimento Slow Media possa acrescentar elementos importantes para esta análise.

Mais do que explorar as possibilidades concretas das relações entre jornalismo e tecnologias, esta perspectiva busca articular componentes fundamentais para compreender as diversas possibilidades de relações e interações entre estes campos, para além do seu objeto que parece mais óbvio: o uso de equipamentos e dispositivos tecnológicos em processos e produtos jornalísticos.

De forma generosa, e buscando compreender jornalismo e tecnologias em suas dimensões práticas, teóricas e de campos sociais, pretende-se **tecer contribuições sobre os potenciais das tecnologias para a produção jornalística em ambientes digitais.**

1.1. REFERENCIAL TEÓRICO

O primeiro passo a ser dado na construção de uma perspectiva relacional para mirar as interfaces entre jornalismo e tecnologias seria compreender que — diante de suas diversas facetas — são também múltiplas as possibilidades de configuração de suas relações.

A proposta aqui é de que lancemos mão de alguns componentes teórico-metodológicos, que podem nos munir de recursos para olhar as relações entre jornalismo e tecnologias de modo a entender não somente a sua parte mais visível (ou material), mas também as suas sombras e o processo invisível que caracteriza suas relações.

Estes recursos seriam: (1) a **imaginação sociológica** (MILLS, 1964) enquanto ferramenta de consciência social-histórica; (2) a noção de **socialização** (BERGER e LUCKMANN, 1987; e SETTON, 2002; 2005; 2013), enquanto processo contínuo, sistemático e interessado de formação dos indivíduos, que os indexa de maneira *total*; (3) o conceito de **cibercultura** (TRIVINHO, 2007), enquanto espírito de época, que configura os indivíduos e os marca de forma determinante, alçando as tecnologias à condição de crença; e, por fim, (4) a noção de **campo** (BOURDIEU, 2004a; 2004b; 2010) e as dinâmicas atuais das relações entre os campos.

Sabendo-se que não é possível dar conta da tarefa de abordar estes aportes teóricos de maneira integral, dadas a complexidade e a profundidade das noções envolvidas, reconhece-se que por ora, a tarefa é de introduzir a perspectiva proposta a partir de noções iniciais e de uma aproximação aos seus componentes. Para tanto, são desenvolvidos aqui argumentos sobre cada um dos recursos a seguir, refletindo sobre como eles podem auxiliar um olhar para as relações entre jornalismo e tecnologias, que atenda à sua multidimensionalidade.

A primeira perspectiva a compor a zona simbólica comum aqui proposta seria a **imaginação sociológica** concebida por Mills (1964). Não se trata de pensar na isenção ou na neutralidade do pesquisador, mas na consciência deste de seu lugar de fala e de pesquisa. Ao se perceber posicionado nos campos sociais aos quais pertence, o pesquisador toma consciência de seu envolvimento com seu objeto. Assumindo esta posição e suas relações com seus objetos e com o campo de pesquisa, ele se capacita a conhecer o cenário histórico de modo mais amplo.

A imaginação sociológica permite que o pesquisador localize este cenário dentro de seu período e o auxilia a enxergar relações entre a história e a sua biografia. Logo, pode proporcionar a passagem de uma perspectiva à outra: ou seja, permite uma saída da biografia indo ao encontro da história, olhando para a estrutura da sociedade, a posição desta sociedade na história, as variedades de seres humanos que predominam no período, seus valores e contradições presentes. Permite ainda reconhecer o seu próprio lugar e distinguir as perturbações pessoais das questões públicas de uma dada estrutura social.

Dotado de *lentes oculares* da imaginação sociológica para enxergar a realidade social, o pesquisador pode fazer as seguintes perguntas: qual a estrutura desta sociedade? Qual a posição desta sociedade na história humana? Que variedades de

homens predominam nesta sociedade neste período? Que valores estão sendo transformados? Que contradições estão presentes?

Pode ainda perceber que as conexões (aparentemente naturais) feitas entre sentidos são abstratas e construídas e que as leituras que existem entre elas são posicionadas. Isso permite que o pesquisador perceba que somos frequentemente “empurrados” a não realizar conexões ou a enxergar as relações como algo que está dado, sem buscar suas origens, suas tramas.

Para Mills (idem), esta consciência do processo histórico pode se transformar em indiferença e apatia ou em inquietação de pesquisa. E a principal tarefa intelectual e política do cientista social seria explicitar os elementos da inquietação e da indiferença contemporâneos.

Fazemos isso no que diz respeito às relações entre tecnologias e jornalismo?

Para que seja possível construir este olhar relacional para mirar as relações entre jornalismo e tecnologias, além de lançar mão da imaginação sociológica enquanto perspectiva teórico-metodológica, é preciso: (1) entender jornalismo e tecnologias enquanto campos sociais; (2) compreender que estes campos atuam em interrelação em um processo de socialização contínuo; e (3) perceber a cibercultura como o contexto histórico inexorável destas relações. São estes os outros pressupostos teóricos que alicerçam o argumento central deste artigo.

Inspirando-se em Bourdieu (2004a; 2004b; 2010), entende-se que cada campo é composto por **agentes, instituições, valores e regras** e que existe em um determinado contexto histórico (com o qual se inter-relaciona). Ainda que tenham dinâmicas próprias e especificidades, os campos — enquanto elementos da sociedade — têm em comum dois fatores importantes para este estudo: (1) são regidos por leis gerais; e (2) possuem uma autonomia relativa, podendo ser atravessados por outros campos, com os quais compartilham agentes, instituições, interesses e valores.

Vale ressaltar que o campo não pode ser encontrado ou visualizado na realidade de modo perfeito, estático ou definitivo tal qual descrito na teoria. O campo enquanto recurso teórico é um modo de ver, um *tipo ideal* (WEBER, 1979), do qual aqui se lança mão por permitir a apreensão das relações entre o campo jornalístico em suas interfaces com outros campos.

Na dinâmica de relações entre campos, vale salientar pelo menos dois elementos: (1) quando um espaço de relações entre dois campos se forma, para ele convergem agentes, instituições e valores que possuem “campos de origem” distintos e, portanto,

possuem regras próprias e uma relativa autonomia. Portanto, quando se forma um espaço de interação intercampos, podem-se constituir conflitos de posições em função das configurações de cada campo de origem; e (2) este espaço de interação vai, necessariamente, se constituir de forma relacional com campos de origem e ainda que se consolide como um campo próprio, seguirá sendo palco de disputas pela legitimação de valores com os demais campos sociais com os quais se relaciona. Este movimento é não só o que garante a conformação deste espaço de relação, como é causa e consequência de sua própria formação.

Esta dinâmica interrelacional entre campos é característica do processo de socialização na contemporaneidade, entendido como um processo contínuo de transmissão e legitimação cultural (BERGER E LUCKMANN, 1983). Aqui, além desta acepção mais ampla, a noção de cultura adquire o significado trabalhado por Bourdieu (2008; 2009), de práticas culturais que tecem relações sociais e mantêm formas simbólicas em contextos ao mesmo tempo estruturados, estruturantes e dinâmicos.

Portanto, *socializar-se* seria a capacidade sistemática ou difusa de estabelecer uma visão de mundo por meio de processos formais ou informais, intencionais ou dissimulados de aprendizado. Ou seja, um processo que, ainda que pareça desinteressado, não o é.

Neste sentido, não se trata de um processo harmonioso, mas de um constante jogo de forças, tensões e resistências. Numa palavra: de *negociação* entre indivíduos e matrizes de socialização, sendo as matrizes os corpos materiais e simbólicos que produzem, transmitem e legitimam os valores e as visões de mundo que circulam nos processos socializadores.

Vale ressaltar que a *negociação* promovida pelo indivíduo em relação aos conteúdos e formatos das mensagens socializadoras não é necessariamente uma postura crítica em relação a estes. O produto da negociação trata-se, antes de tudo, de um entendimento daquela mensagem promovido pelo indivíduo a partir do seu *estoque de conhecimento* (MATTELART, 2000), que pode originar uma relação de harmonia ou tensão com aquela mensagem. Ou seja, ao negociar, o indivíduo confere um sentido à mensagem, a partir do que Martin-Barbero (1995) chama de *mediações*.

Além de ser um processo de negociação de sentidos, toda socialização é marcada pela relação entre as diversas matrizes com as quais o indivíduo estabelece relações. Estas matrizes estão em inter-relação constante. E o produto desta relação permanente constitui uma trama de sentidos, uma *configuração* (SETTON, 2002). Entender a

socialização como um processo de *negociação* que estabelece (em movimento dialético) nos indivíduos uma *configuração* permite que se rompa com a ideia de que as instituições socializadoras e seus agentes são antagônicos. Salienta-se assim a relação de interdependência das instâncias e agentes da socialização.

Deste modo, concorda-se com Setton (2005): o processo de socialização contemporâneo possui uma particularidade a partir da emergência de novos modelos de socialização. A contemporaneidade diz respeito a uma configuração social e cultural altamente complexa e um único olhar — para apenas uma ou outra matriz de socialização — não é capaz de oferecer uma compreensão adequada do processo em sua integridade.

O contexto histórico e social das relações entre jornalismo e tecnologias (e da socialização promovida pelas relações entre mídias e indivíduos) deve ser necessariamente analisado tendo em vista a sua condição na contemporaneidade: de imersão na cibercultura.

Cabe ressaltar que esta não se trata da cultura das mídias apenas em ato de conexão ou simplesmente da cultura inerente à internet ou às conexões em rede, mas da cultura de um tempo, do espírito de uma época (TRIVINHO, 2007), da ambiência da contemporaneidade, do *sensorium* de hoje (BENJAMIN, 1996); ou ainda: de um *entorno* (MARTIN-BARBERO, 2007), tão presente para os indivíduos na contemporaneidade quanto o natural e o social. Trata-se de uma cultura que atravessa a vida do indivíduo hoje, capaz de perpassar a existência humana e as demais culturas e matrizes culturais contemporâneas de modo determinante.

Nesse sentido, o conceito de *cibercultura* é entendido tanto como o arranjo material, simbólico e imaginário contemporâneo, quanto os processos sociais internos (estruturais e conjunturais) que lhe dão sustentação (TRIVINHO, 2007, p. 59). Ou seja: ela está presente nos indivíduos, nas instituições e no *modus operandi* contemporâneos; e, ainda que encontre suporte em suas estruturas materiais, as extrapola, estabelecendo-se como presença no âmbito da *psique*, mesmo na ausência de suas ferramentas e representantes institucionais.

Entender jornalismo e tecnologias enquanto campos sociais, que se integram em um processo contínuo de socialização marcada, na contemporaneidade, pela cibercultura, permite que criemos bases de um ambiente mais generoso e não determinista ou positivista para a análise das relações entre jornalismo e tecnologias.

Tal entendimento se justifica quando se percebe que os campos *comungam* (e promovem) um repertório, que se encontra em estado difuso na sociedade sob a forma de uma *crença*. Esta socialização marcada pela cibercultura, e que se localiza hoje em espaços sociais e jornalísticos, encontra abrigo em *estruturas estruturadas e estruturantes* (BOURDIEU, 2009) de múltiplos campos sociais, que conferem a ela um alto grau de institucionalidade, mas que parece não ter um centro emissor. O rastro que permite mapear este processo está nos processos sociais de construção de um “coro” – quase um *louvor* simbólico – que *eleva* a cibercultura, sua lógica, seus aparatos e seus valores à condição de utopia em diversas áreas, entre elas, a do jornalismo.

Se tomarmos estes elementos teórico-metodológicos enquanto perspectiva para olhar as interfaces entre tecnologias e jornalismo na contemporaneidade, é possível afirmar, entre outras coisas, que as tecnologias (1) podem ser recursos jornalísticos; (2) compõem um repertório do processo jornalístico; (3) são elementos centrais da cultura contemporânea, com a qual o jornalismo se relaciona.

Se entendermos as tecnologias enquanto elementos materiais e simbólicos do campo comunicacional e cibercultural e que, em interrelação com o campo jornalístico podem representar não somente um repertório de dispositivos, mas também um repertório cultural, é possível afirmar também que é necessário estabelecer alguma relação com elas, pois elas fazem parte da nossa sociedade, na medida em que, ainda que não sejam inevitáveis do ponto de vista dos recursos, o são do ponto de vista do universo simbólico.

Compreendendo as tecnologias a partir destas três dimensões - e considerando a velocidade como valor fundamental da cibercultura, “embutido” nos dispositivos tecnológicos e em seus conteúdos e contextos de adesão - é possível afirmar que ela circula nos ambientes simbólicos e materiais que aderem às tecnologias, entre eles, o jornalismo. Caberia ao jornalismo explorar os potenciais que as tecnologias oferecem a partir de todas estas dimensões.

1.1.1. A velocidade como valor

Em sua tendência totalizante, a cibercultura possui modos próprios de funcionamento e valores, entre eles a velocidade, a inovação tecnológica, a inclusão (digital), a eficiência, a interatividade, a conectividade, a mobilidade, a visibilidade, a

flexibilidade, o desejo por mudança, a transformação e o lúdico (especialmente relacionado ao universo dos *games*).

Tais valores são constantemente associados a uma ideia de progresso, à qual estaríamos suscetíveis por se tratar, inevitavelmente, de algo positivo. Por sua vez, este progresso remete ao avanço e ao novo, como se esta “novidade” se constituísse apenas de coisas boas. Portanto, a modernização via tecnologias só encerraria bons aspectos, o que explica o fato de sua noção estar constantemente acompanhada de sentidos de desenvolvimento e de caminhos que conduzem ao ápice ou apogeu.

Na dinâmica dos processos de adesão dos ambientes jornalísticos ao regime cibercultural - é possível detectar a presença da **velocidade** de três maneiras fundamentais: (1) enquanto **valor** presente nos repertórios discursivos relacionados a este processo nos diversos campos sociais envolvidos na sua construção; (2) enquanto **engrenagem** da ação modernizante das instituições de jornalismo, que devem ser equipadas rapidamente com tecnologias, para se renovar e inovar sem “perder o *bonde da história*”; e (3) enquanto **repertório** de um público, que seria cada vez mais “ávido” por modernizações, aparatos e facilidades cotidianas relacionadas aos produtos jornalísticos.

O jornalismo para tablets e celulares desponta como área mais suscetível a estes apelos, na medida em que os aparelhos de telefonia móvel promovem possibilidades de conexão *always on*; ubiquidade dos conteúdos (LEMOS e JOSGRILBERG, 2009) e acesso contínuo às redes sociais. Justamente por isso, é este segmento aquele mais atrelado à ideia de velocidade e hiperconexão, associadas, por sua vez, à noção de consumo de *jornalismo de brevidades*.

Uma das consequências do compartilhamento desta zona de interesse - e consequentemente de seus valores e sentidos – é a transmutação destes valores em práticas de modernização do jornalismo, por meio da adoção de tecnologias.

A (suposta, porém prometida e esperada) revolução da (qualidade do) jornalismo, que teria como consequência imediata um maior engajamento do público, aconteceria por meio da adoção das tecnologias. Com um **apelo** tão forte; e um **consenso** construído por uma *orquestração simbólica* de múltiplos campos sociais, *restaria* aos ambientes jornalísticos aderir a este projeto. Velozmente.

Então, cabe questionar: existe espaço para a reportagem nos ambientes digitais regidos majoritariamente por esta lógica? As reportagens poderiam oferecer também

formatos e linguagens capazes de construir noções de engajamento a partir da ideia de recepção, diálogo e vínculo com seus públicos?

2. OBJETIVO

Promover uma reflexão sobre os ambientes digitais como ecossistemas favoráveis à produção, à distribuição e à recepção de reportagens jornalísticas.

2.1. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Os objetivos específicos deste projeto dizem respeito às reflexões: (1) teórica e crítica sobre as relações entre jornalismo e tecnologias a partir da perspectiva da **cibercultura** como cultura de época e da **velocidade** como um de seus valores fundamentais; (2) sobre os potenciais dos ambientes digitais para a **produção** de reportagens jornalísticas multimídia; (3) sobre as possibilidades de **distribuição** agregadas aos produtos jornalísticos pelos ambientes digitais; e (4) sobre a potência de **engajamento** de usuários na **recepção** de produções jornalísticas em ambientes digitais.

São eles:

1. Promover uma reflexão teórica sobre o conceito de reportagem multimídia em ambientes digitais, articulando-o à crítica da cibercultura enquanto cultura de época;
 - a. Contribuir para a compreensão das potências das tecnologias para a produção de reportagens multimídia;
 - b. Investigar se as reconfigurações promovidas pela cibercultura incidem na discussão teórica e nas práticas de reportagem;
 - c. Discutir a velocidade como elemento fundador das *brevidades jornalísticas*;
 - i. Promover uma reflexão teórica e crítica sobre a velocidade como componente "natural" das tecnologias e dos ambientes digitais;
 - ii. Avaliar se a noção de *Slow Media* pode contribuir para o debate sobre a sobrevivência da reportagem em ambientes digitais;
 - d. Compreender as possíveis transformações no processo de produção de reportagens, promovidas pelas potências dos ambientes digitais, de modo a entender *se e como* utiliza ferramentas e ambientes tecnológicos;

- e. Discutir o processo de distribuição de reportagens jornalísticas em ambientes digitais;
- f. Debater as noções de recepção e engajamento buscando o potencial de promoção de diálogo e empatia entre produtores e públicos do jornalismo em ambientes digitais;
 - i. Compreender as possibilidades de construção de relações de afeto e vínculo em tempos de teleconexão;
 - ii. Averiguar as possibilidades de distribuição de produtos jornalísticos em ambientes digitais;
 - 1. Avaliar se a noção de *Slow Media* pode contribuir para o debate sobre a construção de afeto e vínculo com os públicos.

3. JUSTIFICATIVA

A velocidade é um dos valores fundamentais da cibercultura. Com a adesão das tecnologias pelos processos jornalísticos, a aceleração parece adentrar “naturalmente” os ambientes de comunicação. Entendendo que as tecnologias (1) podem ser **recursos** jornalísticos; (2) compõem um **repertório** do processo jornalístico; (3) são elementos centrais da **cultura** contemporânea, entende-se que a velocidade - enquanto um de seus valores fundantes - se espraia por todas estas facetas.

A *crença* nas tecnologias, estabelecida sob a forma de consenso, inibe reflexões críticas sobre o uso dos recursos tecnológicos em diversos campos (entre eles, o jornalismo) e propicia a adesão “natural” da aceleração nos ambientes (simbólicos e materiais) que adotam dispositivos tecnológicos como recursos.

No entanto, ao pensar nas tecnologias em relação com o jornalismo a partir de uma perspectiva mais generosa, não determinista e não dispostivista, é possível encontrar potenciais *fissuras* no que parece ser a lógica única e inevitável da aceleração.

Ao promover uma reflexão sobre os usos das tecnologias para a realização de reportagens, seria possível detectar possibilidades de utilização do ambiente e dos recursos tecnológicos digitais para a realização de processos e produtos que promovem o jornalismo em outro tempo e que, por consequência, buscam a reflexividade e o aprofundamento dos conteúdos; e o reconhecimento dos sujeitos envolvidos (produtores de informação e receptores)?

Esta discussão parece ir ao encontro de noções que estão sendo edificadas pelo *Slow Media*, movimento que vem ganhando expressão e relevância internacional, conectado ao *Slow Movement*³.

O Manifesto *Slow Media* considera que uma “mídia lenta” teria como expoentes os seguintes elementos:

- a. Contribuição para a sustentabilidade e a qualidade do jornalismo;
- b. Valorização de profissionais especializados e não “multitarefas”;
- c. Construção de produtos discursivos e dialógicos;
- d. Uso das mídias sociais;
- e. Distribuição por recomendação e engajamento (e não necessariamente pela publicidade);
- f. Atemporalidade; e
- g. Construção da confiança.

Uma articulação entre estes campos se mostra possível, quando a proposta é refletir sobre **(1) a desnaturalização da velocidade como elemento central do jornalismo em ambientes digitais; (2) a crítica ao uso compulsório das tecnologias (e seu uso apropriado com propósito jornalístico); e (3) a análise das potências das mídias digitais para a construção de um processo de produção, distribuição e recepção jornalísticas que gere produtos afetivos, reflexivos e engajadores.**

Reconhece-se a incipiência desta proposta, que pode parecer, à primeira vista, conter elementos de anacronia, nostalgia ou ingenuidade. No entanto, acredita-se ser uma missão necessária a de promover estas articulações no sentido de buscar não necessariamente respostas, mas pistas e novas perguntas para o que pode ser uma **prática de jornalismo com a criação de ecossistemas digitais de empatia e diálogo.**

4. METODOLOGIA

Para dar conta dos objetivos propostos no projeto, pretende-se realizar inicialmente um levantamento bibliográfico que articule as noções de reportagem multimídia e jornalismo reflexivo em ambientes digitais; cibercultura, socialização e

³ Movimento que busca promover modos de vida desacelerados em diversas esferas, como a relação com as crianças, a cidade e a comida, por exemplo. Entre os movimentos articulados, o mais expressivo mundialmente é o *Slow Food*, que trata da desaceleração no campo da produção de alimentos e da alimentação.

tecnologias; velocidade, recepção e engajamento; luta por reconhecimento; e sociologia da experiência⁴.

Em paralelo, será realizada uma análise exploratória dos repertórios do movimento *Slow Media*, de modo a reconhecer seus ambientes simbólicos e possíveis contribuições para a discussão em questão. A intenção é compreender se as narrativas deste movimento possuem zonas de sinergia com as noções e conceitos articulados na revisão bibliográfica, que ofereçam categorias de análise e pensamento para o objeto a ser analisado.

Tendo como fundamento a composição entre a revisão bibliográfica e a análise exploratória, será elaborado um instrumento teórico-metodológico a ser aplicado na análise de reportagens veiculadas no Nexo Jornal. Este instrumento deve ser aplicado em pelo menos três (3) reportagens multimídia publicadas no site e nas redes sociais. O instrumento deverá dar conta de analisar os processos e práticas de (1) planejamento e produção da reportagem (agentes e instituições envolvidos, recursos utilizados, procedimentos, etc); (2) veiculação e distribuição do produto em diferentes canais em ambientes digitais (integração, reforços, complementação, etc); e (3) recepção e engajamento dos públicos envolvidos (tráfego, interações, resultados, etc).

Após a aplicação do instrumento de análise - e de posse de possíveis cruzamentos realizados com a apuração do material - o processo de pesquisa prevê o retorno ao referencial teórico, de modo a validar as discussões e construir um diagrama tecido que possa colaborar para a compreensão da pergunta que move este projeto: os ambientes digitais são um ecossistema favorável para a prática da reportagem jornalística reflexiva e de profundidade, que promova o engajamento dialogado e empático de seus públicos?

5. CRONOGRAMA

ATIVIDADES	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Levantamento bibliográfico	x	x	x	x						
Análise de repertório do movimento <i>Slow Media</i>			x	x						
Produção de diagrama teórico-metodológico-prático de sinergias				x	x	x	x	x	x	x

⁴ Inicialmente, pretende-se construir um diagrama conceitual de cruzamentos e sinergias baseado nas leituras de Trivinho (2007), Setton (2013), Virilio (1996), Freire (1967), Honnet (2003), Dubet (1996), Bourdieu (2004a, 2004b, 2009) e Martín-Barbero (2007). Acredita-se que o levantamento inicial conduzirá a pesquisa para o encontro de novos autores destes campos.

entre conceitos e repertórios										
Desenvolvimento de instrumento de análise					x					
Aplicação da análise						x				
Apuração dos dados colhidos							x			
Articulação dos cruzamentos entre a reflexão teórica e os dados apurados com o questionário								x	x	x

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Suzana; e MIELNICZUK, Luciana. **Jornalismo e Tecnologias Móveis**. Covilhã: Labcom, 2013. Disponível em <<http://www.livroslabcom.ubi.pt/book/98>> Acesso em: 07/01/2017

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 1987

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

_____. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: Editora Unesp, 2004a.

_____. **Coisas Ditas**. Tradução: Cássia R. da Silveira e Denise Morena Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 2004b.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

DUBET, François. **Sociologia da Experiência**, Lisboa, Instituto Piaget, 1996.

FERNANDES, Marcio; e PEREIRA, Ariane. **Jornalismo reflexivo: visões teórico-metodológicas de autores do sul brasileiro**. Intercom, 2009. Disponível em <<http://pt.slideshare.net/miuxapop/jornalismo-reflexivo>> Acesso em: 16/12/2016

FERRARI, Polyana. **Jornalismo Digital**. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

FREIRE, Paulo. **Jornalismo como prática da liberdade**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1967.

GEORGESCU-ROEGEN, Nicholas. **O decrescimento: entropia, ecologia, economia**. São Paulo: Senac, 2013.

HONNETH, Axel. **Luta pelo reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2003.

HONORÉ, Carl. **Devagar**. São Paulo: Record, 2005.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. Editora Aleph, 2008.

LATOUCHE, Serge. **Pequeno tratado do decrescimento sereno**. São Paulo: Editora WMF, 2009.

LEMONS, André e JOSGRILBERG, Fabio (Orgs). **Comunicação e mobilidade: aspectos socioculturais das tecnologias móveis de comunicação no Brasil**. Salvador: EDUFBA, 2009.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Diversidad en convergencia**. Ministério da Cultura do Brasil. Seminário Internacional sobre diversidade Cultural. Brasília, 27 a 29 de junho de 2007. Disponível em <http://www.cultura.gov.br/blogs/diversidade_cultural/wp-content/uploads/2007/07/diversidadenconvergencia_barbero.pdf>. Acesso em: 20/04/2009

MARTINO, Luis Mauro Sá. **Teoria das mídias digitais**. São Paulo: Vozes, 2014.

MATTELART, Armand; MATTELART, Michèle. **História das teorias da comunicação**. São Paulo: Loyola, 2000.

MILLS, Wright. **A imaginação sociológica**. Ed. Zahar: Rio de Janeiro, 1964.

PRADO, Magaly. **Webjornalismo**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

PRAZERES, Michelle. **A moderna socialização escolar: um estudo sobre a construção da crença nas tecnologias digitais e seus efeitos para o campo da jornalismo**. 2013. Tese (Doutorado em Jornalismo) - Faculdade de Jornalismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-10102013-113416/>>. Acesso em: 2014-04-04.

RÜDIGER, Francisco. **Elementos para a Crítica da Cibercultura**. São Paulo: Hacker, 2002.

SANTAELLA, Lucia. **Linguagens líquidas na Era da Mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

SAVAZONI, Rodrigo; e DEAK, André. **A linguagem libertada**. 2007. Disponível em <<http://www.jornalismodigital.org/2010/05/30/a-reportagem-na-era-digital/>> Acesso em: 16/12/2016

SETTON, Maria da Graça Jacintho. **Família, escola e mídia: um campo com novas configurações**. In *Jornalismo e Pesquisa*, Revista da Faculdade de Jornalismo da USP, vol28, n/01. p. 107-116. 2002.

_____. **A particularidade do processo de socialização contemporâneo**. *Tempo Social – Revista de Sociologia da USP*. nº 2, Vol. 17, 2005. p. 335-350.

_____. **Socialização e Cultura: Ensaios teóricos**. São Paulo: Annablume, 2013.

SLOW MEDIA MANIFEST: <http://en.slow-media.net/manifesto>

SOUZA, Mauro Wilton de (Org). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Ed. Brasiliense – ECA-USP, 1995.

TRIVINHO, Eugenio. **A dromocracia cibercultural: lógica da vida humana na civilização mediática contemporânea**. São Paulo: Paulus, 2007.

_____. (Org.). **Flagelos e horizontes do mundo em rede: política, estética e pensamento à sombra do pós-humano**. Coleção Cibercultura. Porto Alegre: Sulina, 2009.

VIRILIO, Paul. **Velocidade e política**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

_____. **Cibermundo: a política do pior**. Lisboa: Teorema, 2000.

_____. **O espaço crítico e as perspectivas do tempo real**. São Paulo: Editora 34, 2005.

WEBER, Max. **Ensaio de sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.